

teatro

A VOZ, AS VOZES



CARLOS PORTO

O Padre António Vieira, sabe-se, é uma figura religiosa e política, e também um criador de linguagens. Foi esta sua razão de ser, reflectindo-se nas outras suas maneiras de estar no mundo, como orador, missionário, procurando descobrir nos outros, o outro, que primordialmente interessou a Luísa Costa Gomes. Não creio que ela projectasse escrever uma peça de teatro (como o fez, sobre a mesma personagem, Fernando Luso Soares) mas antes criar canais por onde passasse a voz, as vozes de Vieira. Mesmo que fosse essa a intenção da autora, os resultados ficaram aquém do que seria de esperar.

Talvez se possa dizer que Luísa Costa Gomes optou por uma fórmula mais fácil como escrita, mais difícil como estrutura teatral. O espectáculo

nio Lagarto inventaram, da qual a visibilidade contrasta com a parcial inaudibilidade do texto.

Num caso como este, parece-me, quem está de fora não pode distinguir onde acaba a criação de um e começa a de outro. O essencial consiste na descoberta de um trabalho que se transforma numa forma de sedução a que o espectador não é capaz de resistir.

Se os elementos cenográficos funcionam verdadeiramente como o teatro que existe neste teatro, é porque as coisas não são divisíveis: cena e encenação são uma e a mesma coisa. São-no mas só até certos limites. Porque há o trabalho com o texto, a direcção de actores, há também a música e a luz — e tudo isto tem a ver com a relação do encenador com a criação do espectáculo que passa, como não podia deixar de ser, e neste caso ainda com mais força, pela relação já referida entre o trabalho cenográfico (que tem ainda a ver com a cenografia dos corpos através do vestuário, da pintura) e a criação na sua globalidade.